

O que vem depois?

A morte do corpo e o corpo na morte

ANNA CAROLINA VILELA, JÚLIA MOTTA, JULIANA LACERDA E PAULA AZEREDO

Frank Frazetta



medo da morte já aparece na infância a partir das primeiras experiências de perda. Este temor apresenta várias facetas: trata-se de um pavor do desconhecido, somado ao terror da própria extinção, da ruptura da teia afetiva, da solidão e do sofrimento. Desde os tempos mais remotos, os homens já enxergavam o fim como elemento antagônico à vida e não como parte integrante e inseparável dela. E é justamente a partir do desejo de perenidade, que se desenvolvem as instituições, as crenças, as ciências, as artes, as técnicas e, até

"Nós ignoramos tudo sobre a vida; que podemos então saber sobre a morte?"

Confúcio, filósofo chinês que viveu entre os séculos VI e V a.C.

mesmo, as organizações políticas e econômicas. A idéia da não-existência provoca esse desconforto, e a mente humana acaba criando alguns mecanismos de defesa para fugir dessa realidade. Na ilusão da imortalidade, o ser humano acredita que suas obras sejam permanentes e garantam que ele não seja esquecido. A negação e a repressão da idéia de morte também são exemplos desses artifícios. Diversos eufemismos são usados para tentar minimizar o verdadeiro significado do termo. Para a morte costuma-se designar "a velha senhora" e a "ceifadora". Já para morrer, "óbito", "perecer" e "desaparecer".

O pavor do término, no entanto, pode gerar um apego desmedido a elementos cotidianos e um conseqüente desespero diante da possibilidade de vir a perder tudo com a morte – a companhia dos amigos, o carro novo, os imóveis, o *status* social, os projetos não realizados. "Tenho terror da morte porque do outro lado não tem futebol, carnaval e muito menos Vila Mimosa", desabafa o radialista Mauro Pimentel, de 36 anos. No budismo, assim como na tradição cristã, o desapego é condição essencial para uma "boa morte". Para viver bem, sem o terror e o tormento da idéia do fim, é preciso cultivar a indiferença em relação à vida.

O tabu da morte

A morte muitas vezes é encarada como segredo. Tudo o que a envolve é obscurecido por metáforas. Não se fala sobre a morte. Desde pequenos vivemos

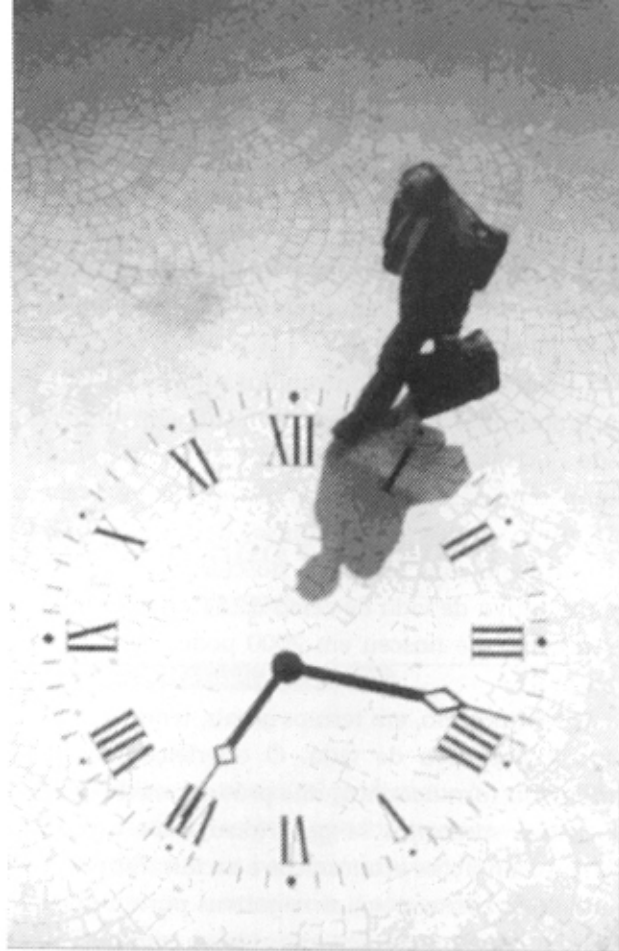
isso em casa. A criança é excluída desse tipo de conversa, muitas vezes não vai a enterros e velórios. O antropólogo José Carlos Rodrigues em seu livro *O tabu do corpo* afirma que "a morte está presente em diversos momentos: na mitologia, nos rituais, no inconsciente humano". Segundo Rodrigues, "cada sociedade dá à morte a sua resposta e esta resposta é uma espécie de teste projetivo da estrutura social. A morte do corpo é a morte do símbolo da estrutura social, e a evidência da entropia é a imposição ao homem de se pensar no fim".

O livro explica que a morte, para a consciência coletiva, representa um afastamento do indivíduo da consciência humana. Desagregar o morto de um domínio e introduzi-lo em outro é um fenômeno social. Retirá-lo do mundo em que vive e conhece e inseri-lo no mundo que está além, no desconhecido. O enterro e outros rituais seriam uma forma de assegurar essa transferência.

A negação da morte reflete uma fome de imortalidade. Daí essa reverência a heróis políticos, religiosos, científicos ou artísticos. Através deles vive-se a própria eternidade. Isto explica, em parte, o desespero coletivo com a morte de um líder. Rodrigues ainda destaca que "nós mesmos tomamos, como símbolo da morte, a caveira - exatamente o que, da morte, fica. O que se teme na morte é exatamente o que ela tem de morte, e o que nela se cultua é o amor à vida".

A experiência da morte

A dona de casa Maria Cristina Góes, de 42 anos, teve câncer de mama em 1993. O médico que a examinou lhe deu apenas alguns meses de vida e ela se desesperou. Amigos e familiares convenceram-na a procurar outra opinião e hoje ela está curada, apesar de nunca ter conseguido esquecer essa experiência. "A minha primeira reação foi o desespero total. Tinha 32 anos, três filhas pequenas que dependiam de mim para tudo. Cheguei a desistir de viver. Hoje estou maravilhosamente bem. Esse meu primeiro contato com a possibilidade de morrer foi realmente difícil. Vencer o câncer e conseguir levar uma vida sem



traumas fez de mim uma pessoa muito melhor", relata ela.

Quem sente a morte de perto passa a ver a vida de outra forma. Pessoas como Maria lidam com o sentimento de perda de maneira diferente. Além disso, o temor da morte está relacionado com o medo de envelhecer. Conforme o tempo passa, o corpo vai mudando e esta é a constatação máxima de que não somos imortais.

O psicanalista Fábio Penna Lacombe afirma que o temor da morte se dá através da dificuldade de se enfrentar o desconhecido. É o medo da passagem, do sofrimento, da consciência do término. "O fim é onde se confronta o que seria o não eu absoluto, o nada. Esta perspectiva de deixar de ser traz a angústia. Os médicos necessariamente têm que ser mais frios. Como ninguém vive a experiência da própria morte, ela é feita através da morte do outro. Por isso os médicos criam alguns recursos para lidar com essa ansiedade", ressalta Lacombe.

"A morte do corpo é a morte do símbolo da estrutura social, é a imposição ao homem de se pensar no fim."

José Carlos Rodrigues

A angústia de envelhecer

A humanidade sempre desejou a eterna juventude, mas um tempo de vida prolongado nem sempre é sinônimo de mais felicidade. Uma matéria recente da revista *Veja* apontou que oito em cada dez doenças associadas à idade avançada podem ser diagnosticadas e prevenidas antes de atacarem o organismo. São males como diabetes, hipertensão, artrite, depressão, demência, impotência e inapetência sexual, perda de apetite e insônia. Segundo dados da pesquisa destacada em tal reportagem, um brasileiro nascido em 1900 tinha expectativa de vida de cerca de 34 anos, enquanto um bebê que nasceu em 2000 pode viver 70 anos ou mais.

O ser humano, em termos gerais, tende a alongar sua expectativa de vida. O aperfeiçoamento da indústria farmacêutica, das práticas médicas e dos sistemas sanitários se generaliza mais rápido do que as condições econômicas e sociais. Esta disparidade traz conseqüências negativas para o país. Ao mesmo tempo em que temos idosos com qualidade de vida de países desenvolvidos, existem outros que vivem condições bastante inferiores.

Transformações do corpo

Depois da infância, do medo do escuro, a pessoa passa a temer a morte com a perda do outro. Apenas aqueles que sofreram grandes traumas e que sentem a morte de perto é que vão desmistificar o seu significado. Mas, com o envelhecimento, as pessoas têm de se adaptar às mudanças do corpo e encarar a proximidade da morte.

A percepção destas transformações se dá em três níveis diferentes que estão relacionados, segundo a psicóloga Teresa Creusa de Góes Monteiro. O primeiro, biopsíquico-social, é o nível da percepção das mudanças fisiológicas. Quando envelhecemos, começa a época do "com-dor" e há uma resistência em admitir uma debilitação do corpo até então inexistente. Mudanças também ocorrem no nível psicológico, quando o processo de cognição se altera – memória, atenção, concentração e também os afetos. O terceiro nível de mudanças a enfrentar é o social. Não é fácil adaptar-se a tantas inovações tecnológicas durante o processo de envelhecimento. Surge, então, uma classe de excluídos que não se

adequam à nova realidade. Este isolamento leva o indivíduo a um estado de morte simbólica, a morte social.

Morremos de tantas coisas enquanto vivemos. No ato de morrer, cessa a vida, com sua consciência, suas percepções, seus afetos e suas lembranças. Para Teresa Creusa, "vive-se e morre-se, simultaneamente, a cada instante. Orgânica ou simbolicamente. Vivemos como se fôssemos imortais, embora se tenha uma consciência intelectual, racional e lógica da morte. No plano emocional, somos imortais porque há a grande angústia do término e da extinção".



A morte segundo as religiões

BUDISMO – A morte não é vista como algo oposto à vida, mas como parte de um processo em que vida e morte são complementares.

CATOLICISMO – A morte põe fim à vida do ser humano como tempo aberto ao acolhimento ou à recusa da graça divina manifestada em Cristo.

ESPIRITISMO – Para os Espíritos, a verdadeira vida é a espiritual. A morte é uma passagem de uma vida para outra, ou melhor, nunca morremos: ou somos espíritos encarnados ou desencarnados.

EVANGELISMO – Os evangélicos consideram a morte como sendo apenas a separação da alma do corpo. É o início da eternidade da alma, que irá para o Paraíso ou para o Inferno.

ISLAMISMO – A morte é uma passagem para uma próxima etapa. Só é possível sentir os prazeres do paraíso e os desagrvos do inferno com corpo e alma unidos.

JUDAÍSMO – Segundo o pensamento judaico, a morte não é o fim, senão o princípio. O judaísmo considera este mundo um corredor, uma preparação para o Mundo Vindouro.